

FH reconhece: o Brasil é injusto

Roberto Stuckert Filho

MARIA LIMA

Enviada especial

BERLIM — Ao fazer palestra ontem sobre o Brasil na Universidade Livre de Berlim, onde recebeu o título de doutor honoris causa, o presidente Fernando Henrique Cardoso disse que se o sociólogo Gilberto Freyre fosse escrever hoje "Casa-Grande e Senzala", o quadro brasileiro talvez pudesse ser resumido como "grande indústria e favela".

— Sob o ponto de vista sociológico e político, o Brasil ainda é um país injusto — reconheceu.

O presidente também criticou o perfil político do Congresso. Explicou a seus colegas da academia por que acha as mudanças difíceis:

— O Congresso quase que passou a ser um somatório de interesses fragmentados. Isso não é só no Brasil. Na medida que se fragmentam muito, diminui a capacidade de ação e de se juntar forças para as mudanças.

Intelectuais berlineses se revezaram para elogiar a obra do sociólogo. Todos os cientistas políticos que discursaram em sua homenagem lembraram a truculência do regime militar no Brasil e ressaltaram a perseguição sofrida por Fernando Henrique.

— Vivo hoje uma situação não habitual. Pela primeira vez, chego a uma universidade cercado de policiais, só que desta vez para me defender. E na con-

dição de presidente da República, o que é mais inabitual ainda — disse o presidente, bem-humorado.

A Universidade Livre de Berlim tem 50 mil alunos e o Instituto de Estudos Latino-Americanos criou recentemente a cátedra de estudos do Brasil. Fernando Henrique fez um discurso inspirado: citou 37 filósofos, escritores e cientistas políticos, estrangeiros e brasileiros, além de si próprio. Acabou aplaudido de pé pela platéia, formada por professores, alunos e representantes da comunidade brasileira em Berlim.

Mais de uma vez, Fernando Henrique tentou justificar a própria dificuldade de conciliar a condição de sociólogo com a de presidente:

— Como ninguém escolhe o momento em que vive, o sociólogo não tem alternativa, tem que ser presidente. Se o presidente for só sociólogo, não é nada. Se for só presidente, é banal. Precisa ser capaz de ver um pouquinho adiante e, quem sabe, olhar para os símbolos. Se ele próprio não consegue ser um, pelo menos deve imitar aqueles que foram.

E confessou que, como presidente, é obrigado a tomar decisões que contrariam seu desejo:

— Temos que ter a humildade de tomar decisões que são duras e decisões que não correspondem ao que se deseja, mas ao que se pode.

“Do ponto de vista sociológico e político, o Brasil ainda é injusto”

Fernando Henrique Cardoso



Fernando Henrique durante a palestra na Universidade Livre de Berlim, onde recebeu título de doutor

O Brasil visto com carinho e sinceridade

O antropólogo e sociólogo Gilberto Freyre começou a escrever na África a obra que nove entre dez intelectuais brasileiros consideram a mais importante já editada sobre o Brasil. Foi no Senegal que o então jovem estudante pernambucano estava em 1930, quando deu início à pesquisa sobre a nossa vida colonial. De Dacar, ele seguiu para Lisboa e, após uma temporada no Museu Etnográfico Português, continuou os estudos na Universidade de Stanford, nos EUA. Convidado a assumir uma cadeira para o curso de doutorado, escolheu como tema a formação do povo brasileiro. Em 1933, três anos depois das primeiras pesquisas, o livro "Casa-Grande & Senzala" era editado.

A obra, escrita numa linguagem considerada chula por parte dos letrados da época, é considerada renovadora por ter sido a primeira a valorizar o papel do negro na formação nacional e por descrever com sinceridade os costumes da família patriarcal brasileira. A partir daí, um país condenado ao atraso — não poderia dar certo uma nação de mestiços — passa a ser examinado sob outras luzes.

O mérito de Freyre, de acordo com a maioria de seus críticos, é que, ao mesmo tempo em que exaltou a intimidade carinhosa entre senhores e escravos, não abriu mão de denunciar toda a crueldade que marcou os tempos da escravidão.